

“A Balada de Thomas Cale, o Anjo da Morte” é o segundo pior poema que saiu do Gabinete de Propagação da Fé do Redentor Enforcado. Essa instituição posteriormente se tornaria tão famosa pela habilidade em espalhar mentiras grosseiras em nome dos Redentores que a expressão “história de monge” se tornou comum.

### **Livro 47 — O Argumento**

Acorde! Pois a noite some ao amanhecer  
 Revela a Mão Esquerda do Deus do Poder.  
 Seu nome é Cale, seu braço é forte  
 Ele jamais erra como Anjo da Morte.  
 Traidores do papa, ele caça essa horda  
 Do Santuário, Cale escapou via corda.  
 Para proteger o papa ele fingiu fugir  
 Dos cuidados do Santuário decidiu escapar  
 Ele fingiu rejeitar Bosco, seu mentor  
 Para proteger o papa com ardor.  
 Em Memphis, a cidade de sodomia e perversão  
 Ele resgatou uma princesa, uma dama sem compaixão  
 Com truques e sexo, ela procurou sua alma arruinar  
 E, quando ele disse “não!”, assassinos se pôs a pagar.  
 Há muito tempo o pai dela contra o papa avança  
 Ele atacou os Redentores com esta esperança  
 Mas na colina de Silbury, na maior das batalhas  
 Com Princeps e Bosco, Cale encheu as mortalhas.  
 O Império de Memphis naquele dia eles detonaram  
 Então Bosco e Cale ao trabalho retornaram  
 Há hereges Antagonistas para matar.  
 Em nome do papa e dos Redentores, vamos todos rezar!

Todos sabem que os verdadeiros acontecimentos entram para a História e são transformados de acordo com os preconceitos de quem os registra. Aos

poucos, a História os transforma em lenda, onde todos os fatos se tornam vagos apesar do interesse dos narradores, que a essa altura serão muitos, variados e contraditórios. Finalmente, talvez após milhares de anos, todas as intenções, boas e más, todas as mentiras e exatidões se misturam em um mito de possibilidade universal em que qualquer coisa pode ser verdadeira, qualquer coisa falsa. Isso não importa mais, de uma forma ou de outra. Mas a verdade é que muitas coisas diferem dos fatos quase que na mesma hora em que eles acontecem e viram mitos quase que antes do fim dos próprios acontecimentos. Os versos ridículos supracitados, por exemplo, foram escritos dois meses após os incidentes que eles tentam imortalizar de maneira tão tosca. Examinemos essa idiotice verso por verso.

Thomas Cale foi trazido ao sinistro Santuário do Redentor Enforcado aos 3 ou 4 anos de idade (ninguém sabia ou se importava se era um ou outro). Assim que chegou, o menininho foi selecionado por um dos padres desta mais sinistra das religiões, o Redentor Bosco, mencionado duas vezes no poema não só por ter sido o homem que provocou sua composição. Não se deve pensar que isso foi inspirado por algo tão simples quanto a vaidade ou a ambição humanas.

Os Redentores não eram só conhecidos pela visão cruel da natureza pecadora da humanidade; ainda eram mais famosos por impor essa visão através da conquista militar conduzida pelos próprios padres, cuja maioria foi educada para lutar em vez de pregar. Os mais inteligentes e os mais devotos (uma distinção mais vaga entre os Redentores do que em qualquer outro lugar) eram responsáveis por assegurar as crenças corretas e a administração da fé em todos os vários estados conquistados e convertidos. Os demais eram reservados ao braço armado da Única e Verdadeira Fé, os Militantes, e eram educados e frequentemente morriam (os sortudos, dizia a piada) em vários quartéis religiosos, dos quais o maior era o Santuário. Foi no Santuário que Cale foi escolhido por Bosco como seu ajudante pessoal — uma forma de favoritismo a que só uma criança com resistência fora do comum poderia ter esperanças de sobreviver. Ao chegar aos 14 anos (ou 15), Cale era uma criatura tão fria ou calculista quanto aquelas que ninguém gostaria de encontrar em um beco escuro ou em qualquer outro lugar — e aparentemente era movido só por duas coisas: um completo desprezo por Bosco e uma indiferença por todas as outras pessoas. Mas a costumeira má sorte de Cale estava prestes a mudar para pior quando ele abriu a porta errada na hora errada e descobriu o Lorde Disciplinador, Redentor Picarbo, dissecando uma jovem moça, ainda viva por um fio, e prestes a fazer o mesmo com outra. Escolhendo a autopreservação em vez da compaixão

e do horror, Cale fechou a porta de mansinho e foi embora. Contudo, em um momento de loucura de que alega se arrepender para sempre, a expressão no olhar da jovem prestes a ser cruelmente estripada fez com que Cale retornasse e, na luta decorrente, matasse um homem que provavelmente era o décimo na linha sucessória do próprio papa. O que você já aprendeu sobre os Redentores deixa claro o destino que Cale poderia esperar: um fim que, pode ter certeza, envolveria muita gritaria.

Se fugir do Santuário fosse fácil, Cale já teria escapado há muito tempo. Apesar de a fuga ter envolvido uma corda, como sugere a tolice de “A Balada de Thomas Cale”, não houve trama alguma para trair o papa — outra invenção de Bosco para acobertar a fuga de um acólito que ele tinha um motivo específico para querer de volta, um motivo que não tinha nada a ver com aquela coisa bizarra e revoltante que Picarbo estava aprontando, fosse lá o que fosse. O que o poema não menciona é que Cale foi acompanhado por outras três pessoas: a garota que tinha salvado; Henri Embromador, o único rapaz no Santuário que ele tolerava de alguma forma; e Kleist, que, como todo mundo, o encarava com suspeita e antipatia.

Apesar de a inteligência de Cale, educada por um longo treinamento, ter conseguido despistar os Redentores que tentaram recapturá-los, sua costumeira má sorte fez com que o quarteto desse de cara com uma patrulha montada dos Materazzi perto da grande cidade de Memphis, um local mais rico e variado que qualquer Paris, Babilônia ou Sodoma, outra das poucas referências da “Balada” que têm algum traço de verdade. Em Memphis, os quatro chamaram a atenção do grande chanceler Vipond e de seu irresponsável meio-irmão Idris-Pukke, que, por razões misteriosas para qualquer um, até para ele mesmo, se encantou com Cale e mostrou algo para o rapaz que ele jamais havia conhecido antes, um pouco de bondade.

Mas seria preciso muito mais do que um toque de decência para influenciar Cale, cujo comportamento hostil e desconfiança rapidamente conquistaram o desprezo de quase todo mundo que ele encontrava, do menino de ouro do clã Materazzi, Conn, à bela Arbell Materazzi. Normalmente conhecida como Pescoço de Cisne (não é coincidência que o sonho cruel que abre nossa história tenha um cisne como seu objeto de ódio), ela era a filha do homem que governava um império Materazzi tão vasto que o sol jamais se punha nele. Bosco, no entanto, dava grande valor ao comportamento hostil de Cale e não tinha intenção de deixá-lo empregar mal essa hostilidade onde era mais provável que acabasse morto por causa dela. Não é surpresa alguma que, apesar de todo o desprezo que ela sentia por ele, uma pessoa como Cale não deixasse

de se apaixonar por uma beleza distante como Arbell Materazzi. Ela continuava a considerá-lo um brutamontes mesmo — ou especialmente — após Cale ter salvado sua vida durante um ato cruel de violência letal (mais tarde menosprezado por seus inimigos como nada mais que uma espécie de quixotada pretensiosa). A crítica de Kleist em relação a Cale — de que, aonde quer que ele fosse, logo acontecia um funeral — tornou-se mais compreendida, especialmente por IdrisPukke, que testemunhara o resgate frio e cruel de Arbell. Porém, tudo que é estranho e diferente pode ser uma mistura atraente para os jovens, daí a referência na “Balada” a uma tentativa de sedução de Cale pela adorável Arbell. Exceto que não houve sedução alguma, se sedução implica a persuasão de alguém relutante, e jamais houve um momento em que a palavra “não!”, ou qualquer coisa assim, tivesse saído da boca de Cale. Ela certamente nunca pagou para que ele fosse assassinado — nem, como Kleist brincou ao finalmente ler o poema, teria precisado, visto que havia tanta gente disposta a fazer isso de graça.

Igualmente irresponsável é a afirmação de que o pai de Arbell sequer teve a intenção de atacar os Redutores. A agressão totalmente fictícia fora inventada por Bosco com o objetivo de dar uma desculpa para seus superiores entrarem em uma guerra que tinha um único propósito: fazer Cale retornar ao Santuário. Sendo como é a lei das consequências indesejadas, o exército doente e desesperado de Bosco, sob a liderança do Redutor Princeps, viu-se acuado por um exército Materazzi dez vezes maior na colina de Silbury. A batalha decorrente foi observada por um incrédulo Cale (que por razões complicadas demais para explicar aqui era o responsável pelos planos de ataque de ambos os exércitos) como uma mistura de azar, confusão, lama, insensatez e falta de controle de multidão que causou uma das mais letais viradas de jogo da história das guerras.

Para sua surpresa, Bosco viu-se como conquistador de Memphis e dono de todos os tesouros que o mundo poderia oferecer, exceto aquele que ele queria: Thomas Cale. Mas Bosco há muito tempo tinha uma mão na cumbuca mais suja de Memphis, cujo dono era o repugnante negociador, comerciante e gigolô Kitty das Lebres. Kitty sabia que o coração totalmente inexperiente de Cale estava perdido pela linda Arbell, assim como também descobriu a tempo que a intensa paixão dela por esse rapaz tão peculiar já estava se apagando — algo estranho vindo de alguém tão mimada, como Kitty brincou. Tanto melhor para Bosco, cujos homens tinham feito Arbell de prisioneira. Assim que chegou a Memphis, Bosco usou seu talento para a natureza humana — que era avançado demais para uma jovem e linda princesa, por mais inteligente que ela fosse

— a fim de convencê-la de que destruiria a cidade caso ela não entregasse o seu amor, enquanto também assegurou, sendo inteiramente sincero por sinal, que não tinha intenção de machucar Cale. Então ela o traiu, se é que foi traição, sendo difícil dizer com que consciência a decisão foi tomada. Assim sendo, Cale se rendeu, com a condição extra de que Henri Embromador e Kleist fossem soltos, só para descobrir que fora entregue ao homem que odiava acima de todas as coisas pela mulher que amava acima de todas as coisas. Isso, portanto, nos traz aos últimos versos mentirosos de “A Balada de Thomas Cale”, com nosso herói rumando para o mato com dois ódios enormes fustigando seu coração: um pela mulher que um dia amara e outro, mais conhecido, pelo homem que tinha acabado de lhe contar mais uma coisa sobre si próprio que dera um nó em sua cabeça. Bosco disse para Cale parar de sentir pena de si mesmo, porque ele não era mesmo uma pessoa, não era alguém que pudesse ser amado ou traído, e sim, como a “Balada” havia afirmado desde o início, ele era ninguém menos do que o Anjo da Morte. E agora era hora de levar a sério o trabalho de seu Deus.

De agora em diante, tudo o que vem é a verdade.

Há montanhas mais altas do que a Tigre, muitas com uma escalada bem mais perigosa, cujas escarpas e fendas aterradoras fazem a alma gelar por serem hostis a qualquer ser vivo. Mas não há nenhuma mais impressionante, mais propensa a levantar ânimos e a causar deslumbramento diante de seu esplendor solitário. Sua imensa forma de cone surge da planície ao redor, que se espalha ao longe sem elevações, de forma que a 80 quilômetros de distância a majestosa simetria da montanha parece feita por mãos humanas. Mas jamais existiu um homem, nem o mais narcisista, nenhum Akenaten ou Ozimandias, que pudesse erguer um pico gigante como este. Mais perto, sua vastidão inumana é revelada, centenas de milhares de vezes mais alta que a grande pirâmide de Lincoln. Não é difícil enxergar por que a montanha é considerada por vários credos diferentes como o único lugar no planeta de onde Deus falará diretamente com a humanidade. Foi no topo da montanha Tigre que Moisés recebeu as tábuas de pedra onde foram escritos os 613 mandamentos. Foi aqui que, em troca da vitória sobre os amonitas, Jefté, o gileadita, cortou a garganta de sua única filha num altar (com considerável relutância, deve ser dito), após ter prometido sacrificar ao Senhor o primeiro ser vivo que o cumprimentasse ao voltar para casa. Ela foi de bom grado, e, até o último instante, Jefté torceu por uma clemência misericordiosa — uma voz, um mensageiro angelical, uma prova severa, mas piedosa, de que era só um teste de fé. Mas Jefté retornou da montanha Tigre sozinho. Foi aqui, na Grande Saliência abaixo do limite da neve

perpétua, que o Diabo em pessoa, instigado pelo Senhor, mostrou ao Redentor Enforcado todo o mundo que havia no subterrâneo e o ofereceu para ele.

Por outro lado, os montanheses, uma tribo que não ligava muito para religião e controlava a montanha Tigre havia cerca de oitenta anos, se referiam a ela como o Grande Testículo. Cale estava intrigado com relação ao motivo enquanto subia os níveis inferiores da montanha, junto com Bosco, o Lorde da Guerra, e trinta guardas.

Descrever o humor de Cale como péssimo seria uma injustiça ao mau humor. Não existe palavra em nenhuma língua para descrever a agitação em seu coração, o asco diante da ideia de voltar ao Santuário e o ódio amargo pela traição de Arbell Materazzi, conhecida por todo mundo como Pescoço de Cisne. Por conta disso não é preciso dizer mais nada sobre sua beleza e seu encanto — nada sobre a flexibilidade das longas pernas, a cinturinha fina de tirar o fôlego, a curva dos seios (eles não eram vistosos, eram absolutamente acintosos), nada disso era necessário. Ela era um cisne em forma humana. Em sua mente, Cale não parava de se imaginar torcendo o pescoço deste cisne e então, miraculosamente, revivendo a ave para novamente matá-la — desta vez partindo o pescoço com violência, na seguinte um lento estrangulamento e depois talvez arrancando o coração para queimá-lo, dando em seguida uma bela mexida nas cinzas só para ter plena certeza.

Por duas semanas, desde que partiram de Memphis, ele não falou uma vez sequer, nem mesmo para perguntar por que mudaram de direção no meio das Terras Crestadas e começaram a se afastar do Santuário. Pensando bem, Bosco achou melhor deixar a raiva do antigo ajudante passar. Mas ele havia subestimado o talento de Cale para ficar mudo de ódio e finalmente decidiu quebrar o silêncio entre os dois.

— Nós vamos para a montanha Tigre — informou o Redentor Bosco, baixinho e até mesmo com delicadeza. — Tem uma coisa que preciso mostrar para você.

É de se imaginar que alguém cujo coração estava tomado por tanto ódio por uma pessoa não teria intensidade sentimental sobrando para desprezar outra da mesma maneira. Em parte isso era verdade, mas o coração de Cale, quando o assunto era ódio, era espaçoso e resistente: sua aversão a Bosco só fora deslocada para longe do centro do fogo, para os restos de carvão ali ao lado por assim dizer, a fim de se manter quente e retornar à brasa mais tarde. No entanto, apesar da atual preocupação com o ódio, Cale não deixou de ficar intrigado com a grande mudança na atitude de Bosco em relação a ele. Desde que era bem pequeno, Bosco o guiara como um navio na tempestade — im-

placável, impiedoso, cruel, jamais aliviando, jamais dando um descanso. Dia após dia, ano após ano, Bosco batia nele até Cale ficar roxo, ensinava e punia, punia e ensinava até que parecesse não haver diferença entre os dois. Agora havia só moderação, uma grande delicadeza, quase algo como carinho. O que era isso? Não havia resposta a se obter, mesmo se houvesse alguma sobra de energia depois de assassinar Arbell Materazzi na imaginação (espancada até a morte com um pau, colocada numa roda de tortura, afogada num lago no alto da montanha sob aplausos gerais). Mas, apesar da cacofonia de martelos batendo em sua alma, uma parte de Cale estava prestando atenção ao terreno por que passavam, o que resultou num instante de compreensão, ainda que não exatamente de descontração — ele estava num lugar sombrio demais para tanto. Agora Cale entendia por que a montanha era chamada de Grande Testículo. De perto, a forma lisa vista a 50 quilômetros de distância sumia e se transformava num cenário com fendas profundas, que desciam na direção da água que formava os sulcos, mas também seguiam para as laterais e cortavam a montanha, dando a volta e até mesmo recuando sobre si mesmas nos pontos em que a rocha era mais dura. Assim de perto, era como se minúsculas pulgas tentassem cruzar o saco do maior dos gigantes.

Atravessar esse labirinto complicado teria sido imensamente difícil, apesar de ele não ser tão íngreme, não fosse a ajuda da estrada estreita feita pelos montanheses que passava sobre as fendas e pelas várias ravinas e gargantas. Ela tinha sido criada não com o intuito do sacrilégio, mas sim com o objetivo de dar acesso aos depósitos de sal espalhados pela encosta da montanha. Ao longo dos oitenta anos em que controlaram o local mais sagrado dos Redentores, os montanheses criaram uma imensa rede de túneis. Sacrilégio intencional ou não, quando os Redentores recuperaram o poder após terem se enfraquecido em longas guerras civis religiosas, deram o troco por essa blasfêmia ao exterminar os montanheses até o último homem, a última mulher e a última criança.

Depois de passar pelo Grande Testículo, a encosta ficava mais íngreme, mas não tanto. Embora fosse alta, a montanha Tigre não era especialmente difícil de ser escalada. Neste cenário mais uniforme, havia muitos buracos pequenos, entradas em ruínas para os depósitos de sal que ficavam entre 10 e 30 metros de profundidade. Apesar do mau humor e do silêncio, Cale não teve como evitar prestar atenção nas características intrigantes desta paisagem sagrada. Mas, embora não tivesse grandes fendas e precipícios perigosos, a subida ficou inevitavelmente mais difícil, e logo eles foram forçados a desmontar e conduzir os cavalos por trilhas mais traiçoeiras e complicadas. Finalmente, chegaram a uma passagem estreita, com paredões de rocha íngreme de ambos os lados.

Bosco ordenou que os guardas montassem acampamento, embora a tarde ainda estivesse começando, e então se dirigiu a Cale diretamente pela segunda vez.

— Eles vão ficar aqui. Nós precisamos prosseguir. Tem uma coisa que preciso mostrar para você. Também temos que deixar algo claro. O único caminho para sair deste trecho da montanha é através desta passagem. Se tentar voltar sozinho, você sabe o que vai acontecer.

Após esse alerta feito com gentileza, ele começou a atravessar a passagem, e Cale o seguiu. Eles subiram por meia hora, Cale sempre se mantendo a cerca de 10 metros do antigo mentor até que os dois chegaram a uma plataforma com uns 5 metros de profundidade. De um lado havia um altar de pedra de construção simples, porém bonita.

— Foi ali que Jefté manteve seu juramento ao Senhor e sacrificou sua única filha. — O tom de voz era estranho, em nada reverencial.

— E imagino — respondeu Cale — que a mancha ali ao lado supostamente seja o sangue dela. Ela devia ter tido um sangue forte, porque ainda dá para ver mil anos depois de ter sido derramado meia montanha acima.

— Com Deus tudo é possível. — Eles se entreolharam por algum tempo. — Ninguém sabe onde ele a matou. O altar foi construído em nome dos fiéis, e alguns deles recebem permissão para vir aqui na Sexta-feira da Paixão. Um pintor passa no dia seguinte à visita e pinta a mancha de novo, para dar tempo de ficar desgastada para o ano seguinte.

— Então não é verdade.

— O que é a verdade? — ele falou e não esperou por uma resposta. Após duas horas, eles estavam a cerca de 500 metros do limite da neve eterna, na última subida antes que pudessem falar com Deus em pessoa. Mas foi só ali que Bosco virou para o lado e começou a dar a volta na montanha, paralelamente à neve. Ali o ar rarefeito tornou a subida mais difícil, e eles pararam de escalar. A cabeça de Cale começou a latejar. Ao seguir Bosco dando a volta em um pequeno barranco, Cale o perdeu de vista e, quando o encontrou novamente, quase derrubou o Redentor. Bosco havia parado e estava olhando intensamente para uma rocha plana que se projetava da montanha como o trecho inicial de uma ponte abandonada.

— Esta é a Grande Saliência onde Satanás tentou o Redentor Enforcado ao lhe oferecer poder sobre tudo no mundo. — Ele se virou para encarar Cale. — Quero que você vá comigo até lá — falou, apontando para o fim da saliência.

— Você primeiro.

Bosco sorriu.

— Estou colocando minha vida nas suas mãos tanto quanto você nas minhas.

— Não exatamente, já que há trinta guardas abaixo de nós com ideias rancorosas na mente.

— É justo. Mas você pensa que eu me dei a todo esse trabalho para tentar jogar você de uma montanha?

— Eu não me dou ao trabalho de pensar nada sobre você.

No passado, Bosco teria espancado Cale severamente por falar dessa maneira com ele. E Cale teria deixado. Foi então que ele percebeu uma coisa, embora não soubesse dizer o que era exatamente, sobre como os dois tinham mudado muito em só alguns meses.

— Se eu disser não?

— Eu não posso obrigá-lo e não vou tentar.

— Mas vai mandar me matar.

— Sinceramente, não. Porém, por maior que seja seu ódio por mim, algo que me faz sofrer muito, você já deve ter percebido que nós estamos unidos por amarras irrompíveis. Acredito que foi essa a expressão que você usou com Arbell Materazzi quando saímos de Memphis.

Talvez Bosco tenha percebido que esteve muito perto de ter o pescoço quebrado. Se percebeu, não demonstrou. Mas havia uma ansiedade ali — a ansiedade, incompreensível para Cale, de alguém que queria muito ser acreditado, ser compreendido, e que temia não ser.

— Além disso — acrescentou Bosco —, eu tenho uma coisa para lhe contar sobre seus pais. — Dito isto, desceu o granito bruto da Grande Saliência.

Cale o observou por um momento, chocado, como deveria ficar, com o que Bosco havia dito. Não é fácil imaginar os sentimentos de alguém como Cale, para quem a noção de pai e mãe é a mesma noção de mar para quem mora em uma terra sem oceano. O que uma pessoa como essa sentiria no momento em que soubesse que o mar fica logo depois da próxima colina? Cale andou até a Saliência, bem mais cautelosamente do que Bosco — ele não tinha medo de altura, mas também não gostava. Além disso, ao andar na Saliência em si, ela parecia bem mais frágil do que quando se olhava para ela. Ao se aproximar por trás de Bosco, seu antigo mentor abriu espaço de maneira despreocupada, como se estivesse no meio do campo de treinamento do Santuário, e gesticulou para que Cale ficasse ao seu lado a poucos centímetros da aterradora queda livre abaixo deles.

Cale olhou para fora da Saliência com a sensação de estar pendurado no meio do céu; coração disparado, olhar surpreso, ele podia enxergar por quilôme-

tros ao redor, com o vasto céu azul acima e a terra amarela abaixo se dobrando para os dois se encontrarem em um arco reluzente de névoa púrpura. Era como se ele estivesse olhando para o mundo inteiro e não só um crescente de mais ou menos 80 quilômetros. Bosco não falou nada por vários minutos enquanto Cale ficou abalado pela vastidão. Finalmente Cale voltou-se para encará-lo.

— Então?

— Primeiro, seus pais. Eu ouvi os rumores... — Ele fez uma pausa por um momento. — ... rumores de Memphis, não muito tempo depois de você ter matado Solomon Solomon.

— Ele teve o que merecia, o que é mais do que é possível dizer sobre os homens que você me mandou matar. — De todas as várias memórias desagradáveis que os dois tinham em comum, esta era a pior. Convencido de que os dotes assassinos de Cale eram de inspiração divina, mal ocorreu a Bosco que obrigá-lo a enfrentar até a morte meia dúzia de soldados experientes, embora desonrados, teria sido muito traumatizante para um menino de 12 ou 13 anos, por mais habilidoso ou insensível que ele fosse.

— Meu coração vinha à boca todo momento em que eu pensava que você estava em perigo. — Isso não era exatamente a mentira que parecia ser. A princípio, Bosco ficara empolgado diante da prova cruel do talento para matar do menino. Era de uma excelência que só a inspiração religiosa poderia explicar. Mas após a sexta morte, Bosco percebeu que Deus poderia se ofender por seu desejo por provas e punir sua presunção, permitindo que Cale se ferisse. Foi ao perceber a própria presunção que Bosco sentiu um medo repentino por Cale e colocou um fim à carnificina.

Foi mais por surpresa do que por autocontrole que Cale não atirou Bosco Saliência abaixo ali mesmo. O homem que batia nele por qualquer motivo que a maldade podia conceber, e metade das vezes sem motivo algum, estava confessando que sempre se preocupara com Cale em um tom de voz que teria penetrado no coração mais duro. Mas o coração de Cale era bem mais duro do que isso. Se deixou Bosco viver foi só porque sua curiosidade era ainda maior que o ódio. E, além disso, havia trinta desgraçados perversos esperando por ele lá embaixo.

— Fale dos rumores.

— Depois que você matou Solomon Solomon, surgiu o rumor de que os Redentores o retiraram quando era bebê de uma família com laços de parentesco direto com o doge de Memphis. Ou seja, de que você seria um Materazzi, e não um Materazzi qualquer. — É possível atordoar o próprio silêncio? Você acreditaria que sim se estivesse parado ali na Grande Saliência.

— Isso é verdade? — A voz de Cale saiu como um sussurro, a contragosto. Bosco fez uma pausa curta.

— Absolutamente não. Seus pais eram camponeses analfabetos sem nenhuma importância.

— Você os matou?

— Não. Eles venderam você para nós, e alegremente, por seis centavos.

Até mesmo Bosco ficou surpreso com a gargalhada que se seguiu a essa declaração.

— Achei que você tivesse ficado desapontado, quanto aos Materazzi, quero dizer, mas lhe agrada ter sido comprado por seis centavos?

— Não se preocupe com o que me agrada. Por que nós estamos aqui?

Bosco olhou para a imensa planície abaixo.

— Quando Deus decidiu criar a humanidade, ele retirou uma costela de sua primeira grande criação, o anjo Satanás. E a partir da costela de Satanás ele formou o primeiro homem com pó do chão. Irritado por Deus ter retirado sua costela sem consultá-lo enquanto ele dormia, Satanás se rebelou contra o Deus Senhor e foi expulso do céu. Mas Deus ficou com pena da humanidade porque errou ao criá-la a partir da costela de um servo tão traiçoeiro. E porque o erro foi de Deus, ele mandou vários profetas para salvar a humanidade de sua própria natureza, na esperança de despertar todas aquelas coisas boas de que ela fora feita. Finalmente, em desespero, ele mandou o próprio filho para salvar a humanidade. — Bosco se virou um pouco, com uma expressão de puro espanto, os olhos cheios de lágrimas. — Mas eles o enforcaram.

Novamente ele não disse nada por dois ou três minutos.

— O Deus Senhor removeu essa terrível ferida por mil anos, sendo o Deus do amor que é. Por todo esse tempo, ponderou tudo o que era bom sobre os homens, toda a bondade deles. Mas sempre pôde ouvir e enxergar a insuportável conexão entre o que era Divino e o erro virulento causado pela terrível falha do seu amor.

Novamente houve um curto silêncio enquanto ele olhava para o vertiginoso cenário lá embaixo. Quando Bosco voltou a falar, a voz estava mais delicada e sensata.

— O coração de um homem é pequeno, mas deseja grandes coisas. Não é suficiente para alimentar um cachorro, mas o mundo inteiro não é grande o bastante para ele. O homem não poupa nada que vive; ele mata para se alimentar, mata para se defender, mata para se instruir, mata para se divertir, mata pelo prazer de matar. Do carneiro, ele arranca as entranhas para fazer sua harpa ressoar; do lobo, o dente mais letal para polir seus belos objetos de arte; do elefante, as presas para fazer um brinquedo para seu filho.

Bosco se voltou para Cale, com os olhos brilhando com todo o amor e toda a esperança de um pai coruja, desesperado para ser compreendido pela pessoa que mais ama no mundo.

— E quem vai exterminar quem extermina todos os demais? Você. É você que está encarregado de massacrar os homens. De todo o planeta, é você que vai fazer um altar onde todos os seres vivos serão sacrificados, sem fim, sem consideração, sem pausa, até a aniquilação de todas as coisas, até que o mal seja extinto, até a morte da morte.

Bosco deu um sorriso tolerante para Cale, sinceramente compreensivo.

— Por que você faria algo tão terrível assim? Porque é da sua natureza. Você não é um homem, é a fúria de Deus em carne e osso. Existe muito da humanidade dentro de você para que queira ser outra coisa além do que é. Você quer amar, quer demonstrar bondade, quer ser piedoso. Mas no fundo sabe que não é nada dessas coisas. É por isso que as pessoas o odeiam e que, quanto mais você tenta amá-las, mais elas o temem. É por isso que a garota traiu você e que será sempre traído enquanto viver. Você é um lobo fingindo para si mesmo que é um cordeiro.

“De onde você acha que puxou o gênio para destruição e morte? Você mata com a mesma facilidade com que os outros respiram. Você apareceu na maior cidade do mundo e, apesar de todas as boas intenções, levou seis meses para deixá-la em ruínas. Você não atrai o desastre, você *é* o desastre. É o Ceifador, o Anjo da Morte, goste ou não. Mas, se não gostar, é melhor se acostumar a perambular por lugares onde será desprezado por todos, que vão tentar matá-lo por motivos que eles jamais entenderão. Venha comigo e, quando sua tarefa for concluída e tudo o que agora vive estiver morto, você virá aqui e será levado ao céu. É a sua única maneira de ter paz de espírito. Isso é uma promessa.”

Dentro de três horas, os dois desceram até os Redentores que os esperavam e, naquela noite, um respeitoso Bosco falou com um silencioso Cale nas altas horas da madrugada.

— Você sabe por que foi criado por Deus? — Era uma citação imediatamente reconhecível do catecismo do Redentor Enforcado. A resposta de Cale, embora cautelosa, foi automática.

— Ele nos fez para conhecê-Lo e amá-Lo.

— Você acha que o homem foi bem criado por Deus?

— Não de acordo com a minha experiência — disse Cale —, mas eu posso só ter dado azar.

— Mas a sua experiência se tornou bem maior nos últimos oito meses. Na verdade, eu diria que se tornou assim de uma maneira singular. Obviamente Deus ordenou sua fuga e todas as coisas extraordinárias que lhe aconteceram

exatamente para que pudesse responder à questão. Você andou lado a lado com os melhores e maiores deste mundo, foi amado de todas as formas possíveis pela mulher mais linda, realizou grandes feitos e sofreu uma grande traição por isso.

Tudo isso tinha a grande vantagem, do ponto de vista de Bosco, de ser mais ou menos a visão exata que o próprio rapaz tinha do caso: verdade e autopedade criavam um todo harmonioso.

— Eu diria — continuou Bosco — que você percebeu tão bem quanto qualquer pessoa que o homem é o lobo do homem.

— Hipócritas — respondeu Cale. — Me deparei com muitos recentemente. Quero dizer com isso que agora eu sei que existem muitos.

— Isso foi dirigido a mim, imagino — disse Bosco, aparentemente não ofendido. — Se for o caso, infelizmente você terá que explicar por quê.

— Como você consegue me olhar com essa cara de pau e tagarelar sobre traição?

— Continuo sem entender. Imagine que eu tivesse deixado você nas mãos daquela boa gente preparada para vendê-lo por seis centavos. Assim que aprendesse a andar, você estaria atrás de um arado, encarando o traseiro de um cavalo 15 horas por dia. Seria um estúpido, um ignorante, estaria morto a essa altura. Uma espécie de nada.

— Deus foi misericordioso. Além disso, eu pensei que era especial.

— Existem muitas pessoas que *nascem* especiais. Como disse o Redentor Enforcado, “muitas flores nascem e florescem sem serem vistas e desperdiçam sua doçura no ar do deserto”.

Cale riu.

— Uma flor? Eu sou, é verdade, mais doce e florido do que as pessoas pensam.

— Certamente é uma licença poética, mas me deixe ser mais claro: você nasceu para chegar ao trono de Deus através da carnificina. Muitos são chamados, poucos são escolhidos. Mas eu escolhi você e o tornei apto a ser o agente do fim prometido.

— Você tem noção de como parece maluco?

— Claro. Nos momentos de dúvida, eu levo em consideração a questão da minha sanidade. — Ele sorriu com uma expressão estranhamente encantadora de autoconsciência e deboche.

— E?

— E então eu levo em consideração que obra-prima é o homem. Como seu raciocínio é falho, como suas aptidões são cruéis, como é feito em forma e movimento, como é parecido com um demônio ao agir e com uma vaca ao

compreender. A beleza do mundo? O ápice dos animais? A meu ver, a quintessência do pó. — Bosco pareceu se perder, mas então olhou intensamente para Cale. — Você discorda?

Cale não respondeu.

— Deixe de lado por um instante seu ódio por mim e considere a experiência que tem do mundo. Você discorda, do fundo do coração?

Houve outra longa pausa.

— Fale mais.

— Essa não é a primeira vez que o Senhor extermina a humanidade por suas falhas. Não é de conhecimento geral que houve uma espécie de Homem antes de Adão. Deus o destruiu com um grande dilúvio em que afogou o mundo inteiro e começou de novo.

— Tudo?

— Tudo, até a última folha de grama.

— Parece bem fácil. Por que não faz a mesma coisa de novo?

— Gente demais, água de menos. Grama demais.

— O papa acredita em tudo isso?

— Não exatamente — respondeu Bosco —, mas o que ele perder na terra irá perder no céu.

— Não entendi... Ah, sim. — Cale pensou sobre o que imaginou ter notado. — Você vai matar o papa e pegar o lugar dele.

— Se eu não soubesse, diria que você é mais demônio do que anjo. Acha mesmo que é possível matar um papa apontado por Deus e não se condenar imediatamente?

— Acho que não.

Eles ficaram sentados em silêncio, Bosco querendo que Cale pedisse uma explicação. Sabendo disso, apesar da curiosidade, Cale não lhe deu esse gostinho.

— O papa vai mal das pernas — disse Bosco.

— Qual o problema nas pernas dele? — perguntou Cale. Não era uma expressão que tivesse ouvido antes.

— Não, quero dizer que ele não está bem. Ele é velho e está sofrendo de uma doença da cabeça. Uma fraqueza que está paulatinamente ficando pior. Ele esquece as coisas.

— Eu esqueço.

— Ele esquece quem é.

— Se ele está tão mal assim, vai morrer em breve.

— Ele está tão mal assim, mas pessoas que sofrem dessa doença geralmente vivem muito tempo. Muitíssimo tempo. — Bosco olhou novamente

para Cale, curtindo a sensação de, mais uma vez, ser mestre para o pupilo. — O que eu devo fazer? — perguntou Bosco. Não era uma pergunta, mas uma indicação para Cale demonstrar seu bom senso.

— Você tem que estar lá quando ele morrer e virar papa.

Bosco riu.

— É mais fácil dizer do que falar.

— Você pode rir — disse Cale —, mas eu estou errado?

— Não. Vamos encarar com simplicidade as questões complexas. Realmente, isso é o fim, mas o que é o início? Mesmo para os muito inteligentes, afastar-se de algo que sempre esteve bem na sua frente a vida inteira pode ser o equivalente a quebrar ossos.

— Qual é a dimensão do seu poder? — Cale perguntou depois de muito tempo.

— Excelente. — Bosco riu. — Quando você matou o Redentor Picarbo, você foi muito gentil em me promover, digamos, de décimo na linha sucessória papal para nono, talvez.

— Você não teria me punido?

— Difícil dizer. Naquele momento, seus atos foram inconvenientes. Meus planos para você, para tudo isso aqui, estavam anos à frente. Décimo na linha sucessória significa não estar na fila para o papado de maneira alguma. Seu sumiço e minha busca por você aceleraram tudo de uma forma muito inesperada e especial. Memphis caiu. Eu tenho a maior parte do crédito, e o que não é meu é seu. Agora sou o quarto na fila para o papado. Ai de mim — ele sorriu —, ser o quarto na fila não é muito melhor do que ser o décimo ou o vigésimo, na verdade.

— Quem são o segundo e o terceiro?

— Direto ao assunto! — debochou Bosco. — Gant e Parsi.

— Nunca ouvi falar.

— Por que teria ouvido? Eu errei ao pensar que essas coisas eram prematuras em se tratando de você.

— Então agora você vai me contar?

— Agora eu vou pedir que raciocine.

— Por que simplesmente não me conta?

— Porque você vai perceber mais claramente se raciocinar. E também porque será muito mais prazeroso.

Se o demônio que o atormentou a vida inteira dissesse que permitiria que adivinhasse seus segredos, que menino inteligente, por mais profundo que fosse seu ódio, não ficaria curioso?

— Havia um livro na biblioteca com uma tranca própria. O censo. Eu consegui abrir outros, mas não aquele.

— Mas você conseguiu quebrar a tranca ao tentar.

— Qual é o tamanho do império Redentor?

— Não é um império, é uma comunidade. A comunidade se uniu a 43 países e, de acordo com o último censo, tem a chance de redimir 100 milhões de pessoas.

— Qual é o tamanho do mundo?

— Não tenho ideia. Sabemos muito pouco a respeito das Índias e da China. Mas considerando os quatro cantos do mundo, sem incluir Memphis, nós somos, provavelmente, quatro vezes maiores e muitas vezes mais ricos do que todos pensam.

— Por que não incluir Memphis?

— Memphis ganhou influência pelo poder militar. Nós conquistamos Memphis e destruímos os Materazzi, mas não conquistamos seu império: ele simplesmente entrou em colapso. Cada país naquele império declarou-se livre e começou a disputar com os vizinhos as mesmas coisas que disputavam antes de os Materazzi chegarem. Tomar Memphis acabou tendo suas vantagens e desvantagens, e com o tempo pode se revelar só uma desvantagem.

— Se o império Redentor é um império tão maior do que todos pensam...

— Comunidade — interrompeu Bosco.

— ... do que todos pensam, por que vocês estão metidos na luta contra os Antagonistas?

— Ótimo. Exatamente. — Bosco ficou claramente satisfeito com a pergunta. — A comunidade dos Redentores não é só grande, mas inchada, cheia de contradições. Algumas partes da comunidade são negligentes em suas crenças e tão blasfemas que são pouco melhores que os Antagonistas. Muitas tiram mais de nós em subsídios do que pagam em impostos. Outras são fanáticas na fé, mas sempre discutem entre si sobre esta ou aquela questão de doutrina. Há numerosos cismas ameaçando se tornar heresias plenas como o Antagonismo.

— Se a situação é tão ruim, por que os Antagonistas não derrotaram vocês?

— Novamente, muito bem. Eles enfrentam os mesmos problemas. Não é a falta de religião que está destruindo a humanidade, é a humanidade que está destruindo a religião. O homem é uma criatura incompetente para aspirar à semelhança de Deus. Deus tentou e falhou. Vai tentar de novo.

— Eu pensei que Deus fosse perfeito — disse Cale.

— Deus é perfeito.

— Então por que meteu os pés pelas mãos com a humanidade?

— Porque ele é completamente generoso. Deus não é um criminoso que trapaceia no próprio jogo de cartas. Deus quer interagir conosco livremente, por escolha. Nem mesmo Deus consegue fazer um quadrado redondo. Deus está solitário, ele quer que a humanidade escolha a obediência, não que seja levada a obedecer por medo. Você entende o que estou dizendo?

— Entendo o que você está dizendo, sim.

— Nem eu nem o Deus a que ambos servimos precisamos que você concorde. Você não é um homem e não é um deus, você é fúria e frustração em carne e osso. O que você faz é o que você é. O que pensa é irrelevante.

— E quando tudo acabar?

— Eu soube nas minhas visões que você será levado ao céu e colocado na ilha de Avalon, um lugar com leite e mel abundantes. Lá permanecerá vestido de samito branco até a hora em que Deus precisar de você novamente, se for o caso.

Depois disso, Cale não falou nada por algum tempo.

— Me fale de Chartres.

— O Santuário é o coração militar da fé, mas é por isso que está situado aqui no fim do mundo, para conter seu grito. Embora eu tenha grande poder, qualquer comandante do Santuário que chegar a 65 quilômetros de Chartres será excomungado por ordem do papa. Minha presença só é permitida lá por autorização expressa, que raramente ocorre, e jamais com mais do que uma dúzia de padres. Mesmo assim, eu não encontro com o papa sozinho desde que Gant e Parsi o esconderam do mundo como uma ervilha dentro de uma vagem.

— Eu não sei o que é isso. — Uma pausa. — Por que eles não matam você?

— Direto ao ponto, como sempre. Eles me consideram um rival, mas um rival efetivamente neutralizado por meu poder estar concentrado no exército, e não em Chartres. A sua fuga, Cale, acelerou a situação de forma muito rápida.

— Ou você — falou Cale — tinha deixado ficar estagnada.

— Não é verdade. Praticamente desde o dia em que você chegou aqui, eu venho recrutando trezentos oficiais que aceitaram que a humanidade não pode ser curada e que você é a solução para ela. Eles vão chegar aqui em breve. Você treinará esses homens, que já são impressionantes, e eles treinarão trezentos mais, e por aí vai. Dentro de dois anos, você terá preparado quatro mil oficiais, e eu estarei pronto para investir contra Gant e Parsi. Se eu obtiver êxito, nós seremos chamados a Chartres para salvar o papa.

- E como você fará isso?
- Isso não é algo com que você precise se preocupar.
- Mas eu me preocupo *mesmo*.
- Então fique aí se preocupando.
- O que é samito?
- Seda. Seda pesada e branca.

Não que Cale acreditasse em Bosco a respeito de Avalon, embora a certeza do Redentor sobre a existência do lugar fosse claramente sincera, mas ele estava chateado com a imagem que estava surgindo sobre o que iria satisfazê-lo.

— A última vez que vi alguém usando seda branca e pesada foi algum arcebispo fazendo uma grande missa para louvar a Deus. Quatro horas já foram ruins o suficiente. Caso não tenha notado, eu não sou do tipo que gosta de louvar.

— Por que seria? Em Avalon você ficará sob os cuidados de 72 criaturas que não são exatamente anjos.

— E isso significa?

— Elas fazem parte de um grupo de anjos rebeldes que desafiaram Deus e foram banidas para o inferno. Mas 72 se arrependeram antes da vitória final de Deus e foram enviadas para Avalon em reconhecimento a esse arrependimento e como punição por terem fraquejado na fé. Elas estão esperando por você para servi-lo de qualquer forma que desejar.

— Como as freiras no convento.

— Isso é com você. E portanto presumo que não sejam de maneira alguma como as freiras no convento.

— E como você sabe disso?

— Tive uma revelação no deserto.